

Candidatos são vizinhos na luta pelo poder

Bruno Liberati

Brasília — Cinco operários passaram a semana limpando, pintando e dando os últimos retoques no sexto andar do Edifício Brasal, que um empresário cedeu à campanha do Vice-Presidente Aureliano Chaves à Presidência. Terminada a tarefa e vencidas as resistências de Aureliano — que vinha recusando a oferta — o Setor Comercial Sul de Brasília estará abrigando os escritórios de campanha de todos os cinco candidatos do PDS à sucessão presidencial.

Instalados a uma distância máxima de 500 metros um do outro, os escritórios do Ministro do Interior, Mário Andreazza (Edifício Israel Pinheiro); do Deputado Paulo Maluf (Edifício Bezerra de Menezes); do Senador Marco Maciel (Edifício Serra Dourada); e do ex-Ministro Hélio Beltrão (Edifício City Bank) estão competindo em área, instalações, eficiência e, sobretudo, otimismo. O de Aureliano poderá entrar nesta disputa a partir do dia 3, quando o Vice-Presidente lança oficialmente sua candidatura, em Minas.

Alô!

O convencional do PDS que chegar a Brasília e tiver problemas de transportes ou hospedagem poderá recorrer a qualquer um desses escritórios, com uma ressalva: os mais aptos a oferecer, por exemplo, um carro com motorista ou uma secretária para fazer sua reserva no hotel são os de Maluf e Andreazza.

“Comitê pró-Andreazza, bom dia”, responde a telefonista Elsa, no escritório de Mário Andreazza, a partir das 7 horas da manhã. Quando se pergunta se o **presidenciável** está, ela imediatamente convida o interlocutor a ir até lá, tomar um cafezinho, explicando que as portas estão abertas a qualquer hora para um papo com o ex-Governador Paulo Pimentel, coordenador da campanha, ou com o empreiteiro de construção civil Vandaick Vanderley, responsável pela parte administrativa.

Até 15 de julho, quando se desincompatibilizar do cargo de Ministro do Interior, Andreazza dará expediente no escritório (um andar de 10 salas e dois salões, ocupando 648 metros quadrados) a partir das 17h. Isso quando não estiver viajando — o que é frequente — à procura dos convencionais do PDS.

Microcomputador

As viagens para inaugurar obras ou assinar convênios são programadas pelo seu chefe de gabinete no Ministério do Interior, Urquiza Nóbrega. As destinadas apenas à conquista dos convencionais têm o roteiro elaborado no escritório, atesta Vandaick Vanderley.

Indiscutivelmente, é o mais bem equipado entre os escritórios de **presidenciáveis**. Os 20 funcionários pagos por 12 empresários amigos do Ministro, que desembolsaram também Cr\$ 7 milhões 200 mil para o aluguel até janeiro de 1985 (data em que se reúne o Colégio Eleitoral), dedicam tempo integral à campanha. Entre 15 aparelhos de telefone, duas máquinas fotocopadoras, um telex e muitos móveis em estilo escandinavo (tudo comprado de segunda mão, segundo Vandaick), o movimento tem crescido desde segunda-feira passada, véspera do lançamento oficial da candidatura Andreazza.

Um garçom, duas copeiras e os três motoristas estão sempre disponíveis para atender a qualquer convencional. Mas os investimentos não param aí: os 12 empresá-

rios engajados na campanha (deles, só 10 nomes são divulgados — João Fugita, Ismar Amorim, David Elkind, Wolduck Vanderley, Oséas Monteiro, Roberto Antunez, Ramiro Bentes, Onofre Vaz, Portela Nunes e Vandaick Vanderley) encomendaram um microcomputador para processar todas a correspondência de Andreazza.

Telefone

Disputando na qualidade das instalações com o escritório de Andreazza, está o de Paulo Maluf. Com 14 funcionários, sete telefones, três motoristas e uma máquina xerox, o dia no escritório de Maluf começa às 7h. Por volta das 8 h, as secretárias Ivonete, Ivete e Rose já estão absorvidas por até 400 cartas expedidas por dia para os convencionais e suas famílias.

Os gastos do escritório totalizam Cr\$ 6 milhões por mês, sem contar as viagens do candidato num **Learjet** da TAM (Transportes Aéreos Marília). Quando Maluf está em Brasília, 120 telefonemas são disparados dali por dia, o que faz a conta telefônica ultrapassar os Cr\$ 2 milhões mensais.

Apesar de ocupar dois andares do Edifício Bezerra de Menezes, cedidos pelo Vice-Governador do Ceará, Adauto Bezerra, as dimensões do escritório são acanhadas porque o prédio é pequeno. Pequena também é a sala do **presidenciável**, decorada com uma estátua de Padre Cícero, um **poster** da Madre Teresa de Calcutá, a Bíblia, a Constituição federal e uma mensagem do médium Francisco Xavier, além de um retrato de Maluf com o Papa João Paulo II na ante-sala.

Pichação

Em frente ao escritório de Maluf começou a ser instalado, num ritmo intenso de trabalho, o escritório de Aureliano Chaves, apesar de o candidato já ter avisado que a iniciativa foge à sua autorização. Os 400 metros quadrados que abrigam oito salas e quatro banheiros foram cedidos pelo empresário Adriano Osório (dono da revendedora de automóveis Brasil) ao filho de Aureliano, Antonio Aureliano Sanches de Mendonça.

O escritório já dispõe de uma sala de reuniões com uma mesa redonda para 14 pessoas, mesas e poltronas verdes distribuídas sobre o tapete marrom. Pela janela da sala destinada ao **presidenciável**, lê-se a pichação, num muro branco: “Diretas já”, com a sigla do PC do B.

Sigilo

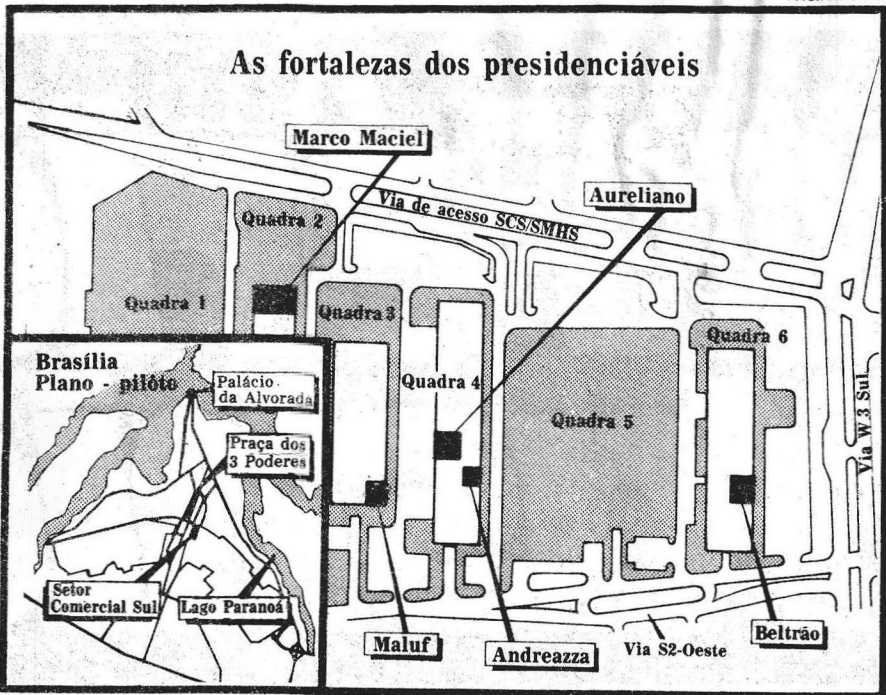
A 500 metros dali, mais discreto, foi instalado em agosto do ano passado o escritório do **presidenciável** Marco Maciel. Cedido “sob sigilo absoluto” — segundo um parlamentar — pelo Deputado José Mendonça Bezerra (PDS-PE), os 120 metros quadrados do escritório são ocupados por seis assessores que, em dois telefones, disparam ligações país afora, organizando o programa de viagens do candidato — três Estados por semana.

Também nesse ritmo de visita aos Estados, sempre em aviões de carreira, o **presidenciável** Hélio Beltrão se detém muito pouco no escritório a ele cedido pelo advogado Umbelino Lobo, pai de Antônio Marcos Lobo, que era chefe de gabinete de Beltrão na Previdência e hoje assessora sua campanha. É o escritório mais improvisado, e difere dos outros sobretudo pela forma da campanha de Beltrão.

TERESA CARDOSO

Manfredo

As fortalezas dos presidenciáveis



Sucessão tornou o setor comercial do DF epicentro da política